

# CEDI

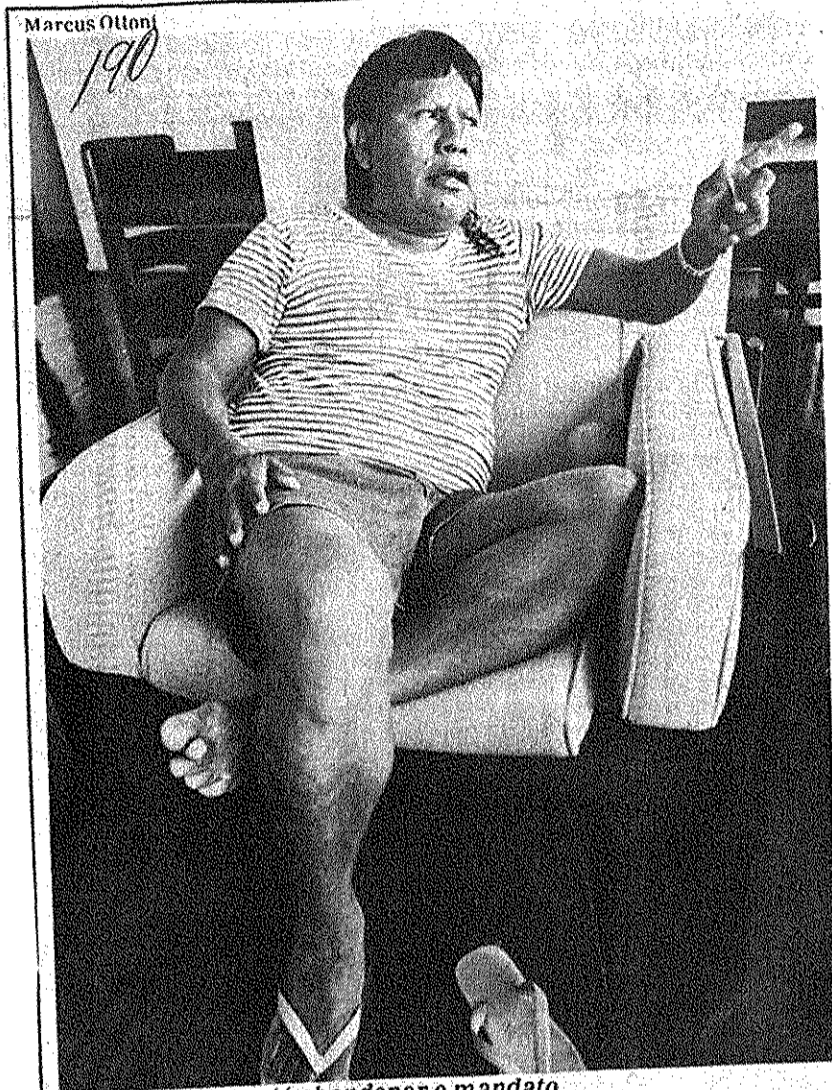
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Braziliense*

Class.: *731*

Data: *31.07.83*

Pg.: \_\_\_\_\_



*Juruna ameaça até abandonar o mandato ...*

### *Juruna chama Jô pra briga*

Decepcionado com a política e com o que classifica de inércia do Congresso Nacional, a vontade do cacique Mário Juruna, hoje, é a de voltar a vestir a tanga e ir, à guerra contra os brancos, que ele considera inevitável. Sua decepção é maior porque também nada pôde fazer em favor dos índios, segundo desabafou em longa entrevista ao repórter Marco-  
ne Formiga, na qual admitiu que quer largar o mandato. Ju-

runa também está revoltado com o comediante Jô Soares por suas interpretações na televisão, onde imita o cacique-deputado na tribuna parlamentar. Juruna disse que vai procurar Jô Soares para uma conversa "de homem pra homem", pois já não suporta mais ser gozado nas ruas por pessoas que imitam o personagem da TV: "Juruna, ô!"

(Página 5)



*... e cansou de ser gozado por Jô Soares*



# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Braziliense*

Class.: 729

Data: 31.07.83

Pg.:

### Funai tira índios da Casa do Ceará

A saída repentina de aproximadamente 100 índios dos alojamentos da Casa do Ceará, na noite de sexta-feira, deveu-se ao término do convênio entre a entidade e a Fundação Nacional do Índio, que não se interessou em renová-lo. Segundo a presidente da instituição, Maria Calmón Porto, "fomos obrigados a desistir porque não havia meios de dar melhores acomodações aos índios. A Funai não queria ampliar o convênio para oferecer mais espaços, porque espaço nos tínhamos".

O Acordo entre a Funai e a Casa do Ceará existia há 13 anos. Nos últimos dois anos ele era renovado automaticamente a cada seis meses. A desistência da entidade, segundo sua presidente, foi em virtude da Casa ser constantemente acusada pela imprensa de oferecer péssimas acomodações aos índios em trânsito em Brasília.

Explica Maria Calmón que o documento previa apenas 50 hospedagens, no entanto, essa capacidade era constantemente extrapolada. Isto porque a Funai não tinha como controlar a chegada dos índios à cidade. Dessa forma, a situação tornava-se crítica, já que o espaço reservado à hospedagem era insuficiente para atender mais do que 50 índios.

Segundo a dirigente, nunca houve nenhum desentendimento entre a Casa do Ceará e a Funai. Apenas, conforme Maria Calmón, dependia da Funai ampliar o convênio para que fosse possível oferecer mais instalações para os índios que ali chegavam. "Todas as vezes que a

imprensa aqui chegava, dava a impressão que a Casa do Ceará era a culpada pelas más condições em que os índios se alojavam. Ficávamos preocupados, mas não podíamos dar uma solução", disse ela.

O valor do convênio não era fixo. Variava em função do número de refeições oferecidas pela Casa do Ceará. Cada diária, incluindo café da manhã, almoço e jantar, custava Cr\$ 1.875,00.

Ontem, pela manhã, o deputado Mário Juruna esteve também com Maria Calmón, e limitou-se a ouvir dela as explicações sobre a brusca saída dos índios na noite passada. Demonstrando muita tristeza, concordou que a culpa pela expulsão dos índios não era da Casa do Ceará ou de sua direção, e sim da Funai. "Não interessa Funai ter os índios aqui, porque ela não gosta dos índios", frisou ele.

A maior tristeza do deputado era com relação às mulheres e crianças indígenas, que ele viu na noite de sexta-feira preocupadas sem saber para onde iriam. Mário fez também uma referência especial aos índios que estavam na cidade para tratamento de saúde. Na realidade, as aldeias indígenas não tem recursos necessários para atender os índios com enfermidades mais sérias. A única solução encontrada pelos grupos era vir a Brasília em busca de melhor assistência. Com o rompimento do convênio com a Casa do Ceará, sem um outro local de alojamento, a situação desses índios torna-se muito difícil.

### Pracinhas dão nova casa

A Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção de Brasília, depois de visitar as instalações da Casa do Ceará, destinadas a hospedagem de índios em Brasília, há cerca de dois meses, decidiu em sua própria sede, na 913 Norte, construir um alojamento mais digno. A obra está sendo levantada sem qualquer auxílio financeiro da Fundação Nacional do Índio, conforme informou o presidente da entidade, major João Ferreira da Silva.

Segundo o major Ferreira, a Funai ofereceu somente o projeto de arquitetura, alguns tijolos, sacos de cimento, areia e telhas para a obra. Quanto ao pagamento da mão-de-obra este corre às custas da Associação, que já empregou mais de Cr\$ 1 milhão, incluindo o aterro da área.

Ontem a Associação foi visitada pelo deputado Mário Juruna, que informado por alguns

índios Xavante, estudantes nesta cidade, soube da existência da construção de uma pequena casa do índio. Ao chegar à sede da entidade, o deputado foi acompanhado por mais de 40 ex-combatentes, que se manifestaram solidários com a sua luta em defesa dos povos indígenas. "Foi uma surpresa. Eu não sabia que essa gente, esses homens estavam preocupados em ajudar nos índios", disse o deputado. Convidado a sentar à mesa da presidência da Associação, Juruna fez um pequeno discurso, referindo-se ao episódio da noite de sexta-feira.

"A Funai fechou a Casa do Ceará. Muitos índios, mulheres e crianças saíram de lá aborrecidos com a expulsão promovida pela Funai. Isso foi a maior injustiça que a Funai fez contra o índio. Ela não está contra um índio, mas está contra todas as nações indígenas", disse Mário Juruna.

# Juruna ameaça largar o mandato

MARCONE FORMIGA  
Da Editoria de Política

Seis meses depois de trocar sua tanga pelo terno, gravata e o distintivo de parlamentar o deputado cacique Mário Juruna está decepcionado com a atividade política, principalmente porque, conforme justifica, "deputado no Brasil não pode fazer nada, se faz projeto. Governo engaveta e solta pacote".

Adeceção de Mário Juruna é bem maior porque constata nada poder fazer para ajudar o índio, e por isso mesmo adverte estar disposto a largar o terno e a gravata e largar tudo para entrar em uma guerra que acha inevitável entre a sua gente com os brancos que considera exploradores.

Preocupado com a crise econômica que o Brasil atravessa Mário Juruna é um crítico sem concessão ao ministro Delfim Netto, do Planejamento, pois o considera responsável pelo processo de endividamento nacional, a tal ponto que transformou, segundo ele, o País em uma enorme tribo dos Estados Unidos e do FMI.

Exatamente por isso anuncia sua disposição em procurar o presidente João Figueiredo, tão logo reassuma o cargo, para ter "conversa de cacique pra cacique", além de lhe apresentar a fórmula mais simples de o Brasil superar a crise: mandar Delfim pagar, do seu bolso, todo dinheiro que pediu emprestado, "sem tribo autorizar".

Perfeitamente integrado à vida parlamentar, em um apartamento funcional na 202 Norte, onde reside com um dos filhos de sua primeira mulher, que mora na tribo de Mato Grosso (teve 10) e o primeiro de sua esposa, Doralice, o deputado Mário Juruna, vestindo bermudas, resolveu ontem desabafar.

Uma das coisas que mais o aborrecem é um personagem interpretado na televisão pelo humorista Jô Soares (promete procurá-lo e ter uma conversa muito séria, essa de homem para homem), pois, quando sai nas ruas as pessoas falam:

Deputado Juruna, ô!!!  
O apartamento funcional que Mário Juruna mora só difere dos demais pela decoração simples, sem qualquer quadro nas paredes, apenas objetos de artesanato feitos em sua tribo. Uma de suas maiores preocupações é manter a privacidade de sua família, por isso mesmo o endereço não consta na lista elaborada pela Câmara dos Deputados, por recomendação pessoal sua.

Tanto em casa, como no gabinete parlamentar tem o hábito de atender pessoalmente todas as ligações telefônicas, e o nú-

mero de sua casa é também mantido sob sigilo. Desconfiado, Juruna ouviu e deu resposta imediata para a primeira pergunta:

Deputado, primeiro o senhor se rebelou contra o regimento da Câmara, depois teve aquele episódio de invasão da Funai, agora sua briga com o novo presidente da Funai. O senhor já parou e pensou que pode ganhar a fama de brigão, criador de caso?

Eu non importa não ser deputado. Se houver briga com índio o deputado Juruna vai ajudar seu povo. Oia ninguém vai parar luta de Juruna. Juruna já foi vencedor como deputado, como chefe de comunidade. Não é de hoje que tá querendo mudar Brasil, pra mudar Brasil e vida de índio precisa de luta. Non chamar de brigão, vou brigar mais ainda.

— Mas parece que o governador Leonel Brizola não está satisfeito com seu desempenho parlamentar, ele lhe reclamou alguma coisa?

Brizola nunca falou nada disso a Juruna.

— Parece, deputado, que o senhor também não está satisfeito...

— Io acha que repressão contra povo não é bom, ditadura muito ruim. Acha que o milício deve entregar para civil palácio do Presidente da República, que milício pode tomar conta do quartel, e pode tomar conta de sua casa, defendendo seu povo, defendendo sua Pátria. Civil deve assumir tudo.

— Sim, mas eu quero saber se você está ou não satisfeito em ser deputado...

(Fecha a cara, olha com antipatia)

— Oia, antes de assumir acreditava bastante, aqui no Brasil deputado não é ouvido nem respeitado. Porque deputado apresenta projeto, Governo vai e engaveta. Deputado eleito pelo povo e Governo tem que respeitar mais projeto de deputado. Governo é obrigado aceitar projeto de deputado. Não é que deputado vai aceitar o decreto, pacote do Presidente. Acho muito errado isso, colocar na gaveta projeto de deputado. Por isso que Brasil não vai frente, por isso Brasil vai continuar tribo. Sem arrotidade, sem representante. Todo mundo que mandar, Mário Andreazza que mandar, Delfim obedece FMI (pronuncia com dificuldade as três letras), Presidente é gerente de Estado Unis. FMI manda aqui, e nosso Presidente tem



Desiludido, Juruna quer pôr tanga e ir à guerra com brancos

que assumir pra defender direitos de sua raça.

— Suponhamos que você fosse o cacique dessa tribo, o que faria, agora?

(Dá um sorriso, contido em seguida)

Hã, hã, fechava tudo. FMI non pode mandar qui quem manda qui é deputado Juruna, presidente. Defendia meu povo, aceitar conselho de FMI.

— Por que não tem uma conversa de cacique pra cacique com o presidente Figueiredo e diz isso a ele?

Vou falar pra ele tudo isso, brasileiro non pode mais continuar obedecendo Estado Unis nem FMI. Brasil tem que ser mandado por brasileiro. De cacique pra cacique Juruna vai falar com presidente Figueiredo.

— Deputado, o senhor vai sempre ao Palácio do Planalto, conversa com o ministro Leão de Abreu, como ele ouve o senhor?

(Faz um gesto de indiferença)

O Leão da Casa Civil? Ouve, ouve, mas não diz nada não. Ele me recebe muito má vontade. Quando a gente tá conversando, tá querendo levantar. Io fica olhando cara dele, só olhando cara dele. Ai Juruna diz, quero conversar, ele diz "sim, sim". Mais nun diz nada não. Só fala "vou examinar, vou examinar".

Quem você quer para Presidente da República: Andreazza, Maluf, Brizola...

Andreazza não, que passou estrada em terra de índio, quando foi Ministro dos Transportes, Maluf? Oia, ele nunca assumiu defesa do índio; foi governo do Estado, e se ele for presidente é perigo, porque pode entregar

resto do País, Brizola, sim, tá preparado. Vou ser franco, Brizola ama o País, ama o povo, sabe sofrimento do povo.

— Deputado, como o senhor vê a crise econômica, a inflação com três dígitos, recessão?

Com um simples gesto negati-

vo com a cabeça indica que o assunto não lhe interessa ou dele não procura se aprofundar).

— Oia, infração não é culpa da gente não, coitado. E culpa do Delfim, ele tá trazendo infração pra cá, tá trazendo fome pra brasileiro. E brasileiro não pode passar fome. Brasil tem tudo, nossa terra muito rica. Tem gente sustentando brigão com suor de trabalhador, suor de brasileiro.

— E se o senhor fosse o cacique do Brasil, que faria com o ministro Delfim?

Ah, ele fica devendo, devendo assi, né, então ele assume tudo. Se ele é chefe de comunidade, tá pegando dinheiro pra comunidade, não foi ouvida, ele, Delfim que pague; não a comunidade. E nós vamos trabalhar pra sustentar a família, não pagar FMI.

— Deputado, um assunto mais ameno: o senhor já viu aquele personagem do Jô Soares, o deputado Turuna, que parece muito com o senhor?

Cruza as pernas, demonstra claramente que está com raiva, e fala com a cara fechada)

Pera ai, io não gostei, porque ele tá falando a palavra mais feia. Tava dizendo... io vou dizer, em palavra de protu-gue, de branco fala (gesticula como deputado Turuna): "vamos f...". "Ô, ô!!! Ele deve me tratar mais justo, com respeito. Sou homem da família. Ele me trata com gozação, Juruna não aceita. Também nordestino tá fazendo gozação ele, que nordestino tá morrendo de fome, quer capim. Vou dizer ele, ele não é homem, pode ser v... pode ser má carráter, pode ser sinvergonha. Ele não encontrou homem como eu ainda, sou homem mais puro que ele. Quando Juruna se encontrar com ele vai ter conversa de homem pra homem. Juruna não pode ser gozado assim. Vai saber quem eu sou. Quero perguntar onde que ele nasceu. Ele nasceu no meio da sujeira, por isso nunca vai ser homem. Índio falando, ô, ô, Isso é sujeira muito grande. Quando passo aqui na rua muita gente fala: "Juruna, deputado, ô, ô". Isso coisa dele, Ailton, José, como nome dele?

— Jô Soares.

Pois quando Juruna passa por ele vai fazer (gesticula): "Ô, ô... vai ver ele quando encontrar Juruna, vai ver "ô, ô". (Quando a entrevista acaba, antes das despedidas, uma recomendação muito freqüente, em situação idêntica, por brancos políticos).

Não vai me queimar não, viu?